

Anna Wolny 

Universidade Jaguelónica, Cracóvia

anna.wolny@uj.edu.pl

“Esses malditos polacos” – Letícia Wierzchowski na discussão sobre a etnicidade polonesa¹

Resumo:

O propósito principal do seguinte artigo é apresentar de que maneira a prosa de Letícia Wierzchowski (com enfoque para os romances *Uma ponte para Terebin*, *Os Getka* e *Cristal polonês*), ela própria descendente dos poloneses, se insere na discussão sobre a presença dos colonos da Polónia e um estereótipo étnico que a acompanhou. Primeiro, vão ser apresentadas brevemente as reflexões e os posicionamentos de Wilson Martins (1955) e Octávio Ianni (1966), dois pesquisadores que mais impacto tiveram quanto à formação da identidade polonesa. Depois, com exemplos dos romances supramencionados, serão demonstrados casos de intertextualidade entre o discurso científico e a representação literária dos elementos que formaram o estereótipo negativo sobre os poloneses.

Manifestando o seu compromisso com o sentimento de pertença cultural na escrita, Wierzchowski refere-se – mais ou menos explicitamente – a conceituações e formulações discursivas anteriores à sua obra. O objetivo deste artigo torna-se assim comentar a maneira como, através de uma intertextualidade não

¹ This publication was funded by the program Excellence Initiative – Research University at the Jagiellonian University in Kraków.

necessariamente intencional, se produzem textos literários que revisitam as teses anteriormente expostas e espalhadas como cientificamente objetivas.

Palavras-chave: Letícia Wierzchowski, Octávio Ianni, Wilson Martins, imigração polonesa

Abstract:

“Those damn Poles” – Letícia Wierzchowski disputing the Polish ethnicity

The main goal of the following paper is to present in which way Letícia Wierzchowski's prosaic work (specifically, her novels *A bridge to Terebin*, *The Getkas* and *Polish crystal*) – herself being a Polish descendent – inserts itself into the discussion about the presence of Polish colonization and an ethnic stereotype which accompanied it. First, the reflections and positions of Wilson Martins (1955) and Octávio Ianni (1966) – two Brazilian scientists who had a major impact on the formation of Polish identity - are presented. Afterwards, by using examples from Wierzchowski's novels, an intertextual relation between the scientific discourse and literal representation of elements which formed the negative stereotype about Polish immigrants is exposed.

Manifesting her commitment to the idea of cultural belonging in her books, Wierzchowski refers – more or less explicitly – to concepts and discursive formulations prior to her work. Another goal of this paper reveals itself as a comment on the manner in which, through an intertextual reference not necessarily intentional, are produced literal texts which revisit ideas previously developed and spread as scientifically objective.

Keywords: Letícia Wierzchowski, Octávio Ianni, Wilson Martins, Polish immigration

Antes de propor um curto levantamento do tema que envolve a imagem dos grupos migratórios vindos da Polónia na escrita de Letícia Wierzchowski, considera-se importante explicar o título do seguinte texto. Trata-se de um jogo intertextual inofensivo, em que se uniu o título da antologia de contos de escritor curitibano Dalton Trevisan (*Essas malditas mulheres*, de 1982) e o gentílico *polaco*, cujo uso problemático (e a substituição, dentro da norma linguística da variante brasileira de português, por *polonês*) já foi objeto de estudo de alguns autores, tais como Smolana (1979), Doustdar (1990), Solheid da Costa

(1995), Miodunka (1996, 2000) e Wolny (2020)². O desabafo machista do autor curitibano deu-se por razões originadas na complexidade dos relacionamentos amorosos, que constitui o tema principal da sua criação artística; o que se pretende aqui usar como um empréstimo é uma sensação de desilusão e desamparo, cuja presença na obra de Leticia Wierzchowski vai ser ilustrada e argumentada.

A escrita de Wierzchowski gira em torno de questões identitárias de grupos imigrantes, baseadas em processos e eventos históricos e sociais que remontam até ao século XIX. No entanto, as suas repercussões continuam visíveis até hoje e, graças a autoras como Wierzchowski, ganham novos contornos e representações literárias. Seria até possível colocar a hipótese que a discussão acerca da presença e da identidade polonesa no sul do Brasil começa a se transformar numa inspiração temática para textos literários. Ao mesmo tempo, não se pode esquecer que esse mesmo tema já foi levantado por historiadores e sociólogos, que, a partir de perspectivas metodológicas próprias das suas pesquisas, definiram algumas regras discursivas, dentro das quais ele costuma ser representado e é consequentemente retomado para outros campos de conhecimento. Ganhando novos contornos literários, e saindo da suposta objetividade científica, o conceito da identidade polonesa recebe um novo vigor, sem perder toda a sua carga problemática – com a qual autores e autoras como Wierzchowski tentam lidar. O objetivo do seguinte artigo é detectar relações intertextuais entre os pesquisadores brasileiros que propuseram descrições e definições científicas, e os romances de Wierzchowski, em que se evidenciam as suas alusões e releituras.

Em primeiro lugar, é preciso sublinhar que a intertextualidade – mais ou menos intencional – que pode ser percebida nos romances de Wierzchowski, funciona desde o início marcada por tensão e conflito. Por um lado, observa-se um leque de textos de intuito científico, produzidos por pesquisadores e intelectuais de renome, que pretendem oferecer um olhar objetivo e distanciado. Por outro, deparamo-nos com romances ficcionais, produzidos por uma escritora, ela própria

² Para evitar malentendidos e realçar a carga negativa do gentílico „polaco”, utiliza-se neste artigo o seu equivalente „polonês”, salvo nas citações.

manifestando o seu orgulho de ser descendente da etnia em questão. Não se trata aqui, portanto, de estudar o nível da verosimilhança destes dois tipos de produções discursivas, nem de estabelecer nenhum tipo de hierarquia de importância entre eles.

O longo processo histórico, desde o aparecimento dos primeiros colonos da Europa de Leste, em 1871, passando por períodos críticos da sua existência, como a era da presidência de Getúlio Vargas, até à contemporaneidade, em que começam a florir esforços de preservação cultural baseados na oficialização da língua, requer muito mais atenção e espaço do que a extensão deste artigo. Recomenda-se a leitura de textos em que esses temas já foram estudados, tanto do lado brasileiro, como do polonês. Pelas mesmas razões deixa-se de parte a problemática do próprio conceito da identidade étnica, assinalando-se apenas que, para os fins deste trabalho, ele corresponde em termos gerais à ideia da “comunidade imaginada” de Anderson (2008), “continuamente negociada e renegociada no processo de integração” (Budakowska, 2014: 53), sendo a intertextualidade aqui focada uma parte deste processo. Passemos então diretamente a uma referência a dois autores cruciais para a contextualização das questões com as quais lida Wierzchowski, e que são detentores de um poder discursivo criador de uma representação que se tornou o principal ponto de referência.

Wilson Martins (1921-2010) foi, entre várias outras ocupações, um dos mais importantes críticos literários do século XX no Brasil. Passou uma grande parte da sua vida em Curitiba, sendo primeiro estudante e depois professor da Universidade Federal do Paraná. Em 1955, 84 anos depois da chegada do primeiro grupo de colonos poloneses ao sul do Brasil, publicou um trabalho intitulado *Um Brasil diferente. Ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*, em que pretendia estudar a composição da população deste estado. Como indica um dos historiadores atuais,

tratava-se de escrever, para o Sul do Brasil, aquilo que Gilberto Freyre havia realizado para o país como um todo em *Casa Grande & Senzala*, i. e., Martins pretendia compreender os processos de aculturação dos elementos europeus não-portugueses em terras do Sul (Oliveira, 2005: 217).

Atingindo este objetivo, o livro constituiria a primeira abordagem tão abrangente sobre o estado do Paraná. No entanto, tal como a obra de Freyre, a que Martins alude, *Um Brasil diferente...* provocou muitos questionamentos e controvérsias. O texto de Martins faz uma omissão marcante da questão racial, criando uma visão mítica do “Paraná branco”, que também naquela altura abrigava 35% de população afrodescendente. O que pode ser ainda mais significativo para estas reflexões, é uma hiperbolização evidente do imigrante germânico, a quem o autor dedica 771 linhas de texto, em contrapartida ao imigrante polonês, que recebe apenas 41 linhas de texto. A desconsideração com a qual é tratado evidencia-se ainda mais através de falhas pontuais no raciocínio do autor, que – dando como mais um exemplo – menciona como a data inicial para o funcionamento da imprensa polonesa o ano 1911, em que foi fundado em Curitiba o jornal *Emigrant polski w Paranie*. Contudo, ignora-se aqui a existência de jornais como *Gazeta Polska w Brazylii* (desde 1892) ou *Polak w Brazylii* (publicado desde 1905). A seguir, vão ser retomadas outras observações expressas no livro, que levam a questionar a suposta objetividade científica do texto.

O segundo dos autores suscetíveis à mesma contestação é Octávio Ianni (1926-2004) e, em particular, um capítulo do seu livro *Raças e classes sociais no Brasil* (1966)³. Membro da Escola de Sociologia Paulista e representante da Universidade de São Paulo, desenvolveu ao longo da sua carreira uma visão panorâmica não só da sociedade brasileira, mas também reflexões globais, cujo valor inegável faz do seu autor um dos personagens mais marcantes no campo da sociologia no Brasil. O seu interesse pela presença dos colonos poloneses no sul do Brasil surge durante uma pesquisa orientada com outro objetivo – o de estudar a história social da escravidão. É interessante notar esta coincidência, pois muitas das suas observações argumentam certas semelhanças entre a situação dos descendentes de escravos e os

³ O assunto aqui desenvolvido já foi comentado por Oliveira (2015) e, na altura da escrita da tese de doutorado (defendida em 2016), por Wolny (no livro publicado em 2020).

colonos poloneses – por mais paradoxal que possa parecer, tendo em conta a sua origem, história e estatuto diferente. O sétimo capítulo do livro supramencionado, “A situação social do polonês”, foi inclusive publicado anteriormente como um artigo separado, intitulado “Do polonês ao polaco”. Tendo em conta o valor semântico destes dois genéricos, pode-se observar já no título do artigo de Ianni uma sugestão de depreciação ou até desprezo pela etnia em questão, algo que não aparece no título usado no livro. Talvez o próprio autor tenha tentado recuperar no seu raciocínio um tom mais objetivo. O objetivo geral do capítulo de Ianni é, segundo o próprio autor, mostrar “como se estruturou, progressivamente, no interior da ideologia racial predominante na cidade (de Curitiba) uma imagem estilizada do imigrante” que ele considera “um produto ideologicamente deformado.” (Ianni, 1966: 177) O resto do contorno que Ianni dá ao imigrante polonês vai ser mencionado e contrastado com a imagem criada por Wierzchowski a seguir.

No entanto, antes de observar a maneira como Wierzchowski retrata os seus personagens, refutando os estereótipos negativos que, segundo Wachowicz (1981: 142) “levaram alguns descendentes de poloneses a adquirirem um complexo de inferioridade, em relação à sua origem étnica”, é preciso definir o seu posicionamento neste debate. Nascida em 1972 em Porto Alegre, como neta de imigrantes poloneses (Jan, que partiu da Polónia em 1936, inspirou fortemente os seus personagens masculinos), Wierzchowski é autora de livros que podem ser classificados como exemplos do novo romance latinoamericano, à moda de Érico Veríssimo. Ficou famosa graças ao seu romance *A casa das sete mulheres*, publicado em 2002, que inaugura a trilogia dedicada à Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul. O romance que mais amplamente mostra o seu interesse pela imigração polonesa foi publicado em 2006 sob o título *Uma ponte para Terebin*. Dentro da mesma linha temática, publicou também *Cristal polonês* (Wierzchowski, 2003) e *Os Getka* (Wierzchowski, 2010), o que prova que o espaço que dedicou a esta problemática está a alargar-se e será potencialmente ainda retomado nas suas publicações futuras.

O que inspirou o tema do seguinte artigo, foram os momentos dentro da sua narrativa em que a autora faz citações diretas da pesquisa de Ianni – que, por sua vez, refere o material das entrevistas que conduziu, introduzindo assim para o discurso sociológico expressões como “o negro do Paraná é o polaco” (Ianni, 1966: 184) ou “polaco não tem bandeira” (Ianni, 1966: 185). Wierzchowski realça a maneira como o gentílico da sua própria etnia se torna ofensivo (“Jan sorriu no escuro, não era um «polaco sem bandeira».” (Wierzchowski, 2006: 157)), chegando a servir de xingamento: “Putá de polaco.” (Wierzchowski, 2006: 152) No entanto, a autora não se limita a fazer alusões óbvias, manifestando a sua posição também quanto a problemas que tanto Martins, como Ianni, apresentaram nos seus livros como decisivos para a formação do estereótipo negativo.

O primeiro deles, e talvez a raiz dos restantes, é a suposta inércia da comunidade migratória. Wilson Martins avalia a atuação dos poloneses em contraste com o suposto dinamismo dos alemães:

Superiores numericamente, os poloneses exerceram e exercem menor influência de ordem sociológica na vida paranaense. Essa influência é despida de dinamismo, efetiva-se apenas no interior das áreas de intensa colonização dessa etnia, sem praticamente atingir outras regiões, como é o caso dos alemães. A meu ver, a principal razão desse fato é o enclausuramento dos poloneses na vida rural, sendo raros os de vocação urbana e mais raros ainda os que se fizeram assimilar pelas classes dirigentes (Martins, 1955: 154).

Aparece aqui também um outro elemento que vai participar na formação do estereótipo negativo – a predileção dos grupos poloneses por praticar a agricultura. Talvez seja por isso que Wierzchowski realça na sua escrita situações opostas – em *Uma ponte para Terebin*, a família vive na cidade de Porto Alegre. Jan, o pai, cuja figura foi inspirada no seu avô ao ponto de lhe conceder o mesmo nome, mostra interesse pelas organizações polônicas (uma delas, a Sociedade Polônia, é descrita como “um dos grandes alicerces da sua existência” (Wierzchowski, 2006: 44)) e pela política brasileira. Desmentindo a suposta inércia, chega inclusive a voltar à Europa para lutar na Segunda Guerra

Mundial, um ato não só de coragem, mas de um profundo patriotismo que, ao mesmo tempo, não diminui o seu apego ao Brasil.

A inércia traça o destino das comunidades polonesas, tornando-as vulneráveis a processos de marginalização e exclusão. Tanto Martins, como Ianni, constatarem-nos como factos: “É essa a impressão que se tem: a de grupos ou a de núcleos que se conservam mais ou menos à margem da vida brasileira (...), de assimilação mais difícil, nos dois sentidos.” (Martins, 1955: 155); “Mantinhm-se relativamente isolados da sociedade brasileira.” (Ianni, 1966: 178).

É curioso notar também que ambos os pesquisadores utilizam um vocábulo específico: “Se existe realmente no Paraná um **“quisto racial”** ou étnico, é muito mais provável que seja constituído dos poloneses – e, em outras zonas, de japoneses – do que de alemães ou de qualquer outra nacionalidade.” (Martins, 1955: 155); “é naquelas condições que começa a emergir o polaco, enquanto entidade negativa: **quisto racial**, excessiva valorização do padre, analfabetismo, etc.” (Ianni, 1966: 178) A palavra “quisto” aparece aqui no sentido em que hoje em dia já não é usada: para descrever uma “colônia de imigrantes que, por suas ideias e costumes, ameaça a segurança do país onde trabalha.”⁴ (Barreto, 2014) Portanto, o seu uso denota um significado pejorativo, até preconceituoso. Em vez de optar por uma expressão mais objetiva e adequada para o discurso científico, Ianni insiste em colocar a culpa pela marginalização nos ombros das suas próprias vítimas que, a seu ver, “não conseguiram (...) estabelecer-se sem criar problemas para a sociedade adotiva.” (Ianni, 1966: 178) e mais:

É possível que os desajustamentos iniciais de alguns núcleos poloneses, especialmente quando ligados a uma impossibilidade de desenvolver atividades econômicas consentâneas com as condições e as necessidades da sociedade inclusive, podem ter sido responsáveis pelas primeiras reações negativas desenvolvidas pelos outros grupos (Ianni, 1966: 178).

⁴ Barreto cita o dicionário Michaelis online, no entanto, o link encontra-se expirado.

Wierzychowski não aparenta tentar contradizer estas observações, antes redirecionando o seu interesse para as razões que levaram à situação da comunidade polonesa. Terá sido um caso de exclusão imposta ou marginalização (parcialmente) voluntária, que não ia contra a ideia de assimilação? A autora apresenta o apego dos poloneses à tradição como um valor e não uma desvantagem, argumentando a sua posição como uma tentativa de manter as raízes: “Mas todos os poloneses que conheci pareciam ter mesmo uma vida secreta, silenciosa e guardada a sete chaves... Como um tesouro. Ou uma ferida.” (Wierzychowski, 2010: 32); “A máma continuava a história. Ela contava a história mil vezes. Era importante saber de onde tínhamos vindo.” (Wierzychowski, 2003: 46) Mostra igualmente os lados positivos do inegável isolamento, que possibilitaria a defesa da diferença cultural e transmissão de valores entre as gerações:

Anna abastecia a minúscula despensa da casa com os condimentos e ingredientes necessários às receitas aprendidas com a mãe: o bigos, uma espécie de ensopado feito de carne de porco, os pierogi, a borszcz, a sopa de beterrabas com nata, a sopa de repolhos, a gelatina de carne e outras iguarias polonesas que a Jan apetecia comer diariamente (Wierzychowski, 2006: 55).

O elemento que gera mais desalinho entre Martins, Ianni e Wierzychowski, é a questão da língua. Martins percebe a comunidade imigrante como praticamente incapaz de se comunicar em português, e com uma argumentação marcada por um profundo preconceito:

Há maior dificuldade por parte dos poloneses e dos japoneses no aprendizado do português, do que por parte de elementos de qualquer outra nacionalidade. Falo da dificuldade real, da „apreensão” do mecanismo da língua, e não do sotaque ou da adulteração de vocábulos (...). Aqui, uma das causas principais será o extrato primitivo dos colonos poloneses, e eslavos em geral, que sempre foi mais baixo que os das outras nacionalidades, com esta diferença que os poloneses pouco o modificaram, enquanto os demais, como vimos e veremos, demonstraram maior

capilaridade econômica e cultural, maior dinamismo de ordem sociológica (Martins, 1955: 156).

O próprio Otávio Ianni retifica a opinião de Martins, mencionando a suposta “dificuldade congênita para aprender a língua portuguesa” (Ianni, 1966: 180), mas logo acrescentando que “essas afirmações não devem ser encaradas como observações objetivas (...) precisam ser tomadas como expressões de uma das ideologias raciais correntes ali.” (Ianni, 1966: 181) Wierchowski várias vezes mostra momentos que confirmariam a suspeita de Martins, mitificando o português como “um mistério que ele custaria muito a desvendar.” (Wierchowski, 2006: 53) As razões que mostra para a dificuldade de aprendizagem residem, no entanto, nas características intrínsecas ao português, e não nas lacunas intelectuais de Jan que “largou o jornal, cansado de juntar vogais às consoantes — e eram tantas vogais, pensava ele, um sobejo de sons que dançavam, inquietos, na ponta da sua língua sempre que tentava uma conversa mais longa em português.” (Wierchowski, 2006: 64) Paradoxalmente, ela reconhece também o português como uma língua fácil de pronunciar, que Jan dificulta por hábitos adquiridos através da pronúncia na sua língua materna:

Ele lia as notícias em voz alta, e sua língua, acostumada com as duras arestas das palavras polonesas, tropeçava na maciez acolchoada da língua portuguesa, enrolando-se sobre si mesma, enquanto suprimia vogais e acrescentava consoantes, tornando algumas palavras incompreensíveis até mesmo para mim, que crescera com sua fala de imigrante tilintando nos meus ouvidos (Wierchowski, 2006: 57).

A língua original de Jan, em contraste, apresenta-se como muito mais complexa, refletindo assim a complexidade dos seus usuários: “«Dowidzenia» (sic), respondeu Jan. Já em pé, ela sorriu: «O que foi que você falou?» «É assim que se diz adeus na minha língua.» «Fizeram-na assim tão difícil porque é uma palavra que nunca deveria ser dita. Os poloneses são inteligentes.»” (Wierchowski, 2006: 133-134)

Além de explicar a dificuldade linguística, Martins tira também outras conclusões em relação ao nível do desenvolvimento civilizacional

dos poloneses: “Procedentes, como dissemos, de atrasadíssimas regiões rurais da Polônia, esses imigrantes pouco avançaram aqui em idade cultural.” (Martins, 1955: 156) Vale a pena notar que, ao se referir ao suposto atraso cultural e social, o autor passa a usar o genílico pejorativo:

Os polacos pareciam objeto, até dias bem próximos, da reputação de pouco cuidadosos em alguns aspectos da vida social, pois ao lado dos que depositavam na rua as suas imundícies domésticas, havia os que comiam e bebiam demais nos bailes, com as consequências normais em tais casos (Martins, 1955: 157).

Onze anos depois, Ianni apenas confirma o estereótipo, sem tentar fazer uma nova abordagem: “O polonês seria dado a bebidas alcóolicas; teria inclinação especial pelas atividades agrícolas; as suas filhas teriam predileção pelas atividades domésticas (...) trata-se de uma série de estereótipos que (...) prevalecem até a atualidade.” (Ianni, 1966: 177) Wierchowski argumenta, que os vícios não eram um elemento popularmente aceite dentro da comunidade e que se reconheciam os danos consequentes:

A mãe crispou-se toda. Se tinha uma coisa que ela odiava era *aposta*. Outra coisa era *piwa*. (...) *Aposta* era uma palavra muito temida pelos poloneses sóbrios, já que todas as famílias tinham registro de vidas destruídas pela vodka e pela audácia que ela costumava trazer consigo nas mesas de cartas e nos dados (Wierchowski, 2003: 33).

Revela também possíveis explicações para fenômenos negativos: “[o pai] não era violento (...) Antes de tudo, era um homem frágil, que se decompunha pelo mínimo sopro do inesperado. A vodka era tão-somente um jeito de escapar da realidade e dos seus desmazelos.” (Wierchowski, 2003: 15) No entanto, o alcoolismo é exibido aqui não como uma característica inerente ao grupo imigratório, mas como uma maneira individual de lidar com dificuldades quotidianas, uma escolha individual que não se aplica automaticamente ao grupo.

Nenhum dos autores aqui interpretados concentra muita atenção nas mulheres – talvez, no caso de Wierchowski, por ser uma das

partes mais dolorosas do estereótipo, ou por não existirem meios de o desdobrar na altura em que escrevem Martins e Ianni. Aquele primeiro alude apenas à suposta devassidão das polonesas: “Se o Chico Lulu se queixava – talvez injustamente – da «frieza inconcebível» das alemãs, o mesmo não se poderia dizer, pelo menos no que se refere às demonstrações exteriores, das polacas que viviam nesta excelente Curitiba do século passado.” (Martins, 1955: 158) Wierzchowski, como foi apontado, evita falar sobre a sexualidade feminina nos seus romances, tecendo imagens de mulheres castas, puras, preocupadas apenas com a vida familiar, até puritanas, definidas pela sua vocação maternal: “[a mãe] ia pela rua quieta, andando no seu passo medido, as costas muito eretas. e quem quer que a visse, logo percebia que era uma senhora de muito respeito e que não tinha nada a dever.” (Wierzchowski, 2003: 17)

Resumindo: todos os autores, tanto Martins e Ianni, como Wierzchowski, aceitam e confirmam a existência de um preconceito contra os poloneses. Ianni chega a comparar a situação do imigrante polonês com a do brasileiro negro, já que se “constatam continuamente opiniões que associam de alguma forma o polonês ao negro.” (Ianni, 1966: 188) Ambos “surtem com os mesmos atributos negativos, no que tange a certas formas de comportamento social” (Ianni, 1966: 189) e portanto “acabam identificados como iguais socialmente, ao nível da ideologia racial” (Ianni, 1966: 189), sofrendo como resultado o mesmo tipo de intolerância e rejeição sistemática.

O que difere na maneira como o estereótipo é tratado pelos autores em questão, é a sua avaliação. Tanto Martins, como Ianni sugerem que a sua existência é um facto social e que nada se pode fazer para o desmentir:

O *polonês* está imerso numa fase dramática do processo de integração à sociedade adotiva. (...) ainda não se transfigurou no *brasileiro*, já que marcas raciais e culturais atribuídas socialmente (loiro, preferência por trabalhos braçais e agrícolas, inclinação pela bebida alcoólica, religiosidade, casamento com negro, etc.) ainda o prenderam a um suposto universo polonês. Entretanto, esse é o momento em que ele já não é mais

plenamente polonês. No quadro da ideologia racial dominante na cidade, não é nem *polonês* nem *brasileiro*: é *polaco* (Ianni, 1966: 197-198).

Wierchowski não concorda com o fatalismo de Ianni, porque não quer desistir de revelar a complexidade da situação em que a comunidade polonesa existe e as mudanças pelas quais inevitavelmente passa no tempo. Ela própria identifica-se como membro deste grupo e deseja investir em esforços para descobrir elementos positivos, que possibilitam a identificação étnica construtiva.

Uma das principais ferramentas que Wierchowski usa é a recorrência aos valores positivos associados aos poloneses, sendo o primeiro e o mais destacado a honra patriótica, visto que “a palavra para um homem polonês não era instinto, era honra.” (Wierchowski, 2006: 291) Constata e repete que “todos os outros adultos presentes tinham vivido misteriosas tragédias na Polônia, antes de virem para o Brasil” (Wierchowski, 2010: 28), mostrando assim a fatalidade do destino histórico, ao mesmo tempo esboçando o patriotismo como uma característica que resiste tanto ao tempo, como à distância:

Uma questão geográfica, Janek, mas seu menininho vai crescer e vai virar um homem, e você vai contar-lhe da Polônia, kochany Janek, vai dizer que é um lugar lindo, de belos prados, de ruas de pedra e de catedrais onde reis foram batizados, vai falar-lhe do som doce dos cavalos pisando nas ruazinhas de Cracóvia... Por favor, faça isso por mim, mantenha viva a verdadeira pátria dentro do coraçãozinho do seu filho, Janek (Wierchowski, 2006: 288).

A narrativa de Wierchowski não resiste ao exagero, porque só através dele é possível recuperar o equilíbrio. Para a terrível palavra *polaco* perder o seu poder maléfico, é preciso mostrar todos os valores positivos deste gentílico, criar uma nova rede de associações e conotações, espalhar imagens contrárias, apelativas na sua repetitividade.

Através da intertextualidade aqui exposta, torna-se evidente que a questão da identidade polonesa não pode ser retomada sem revisar textos anteriores, cuja força – por mais que seja destrutiva – continua a orientar as reflexões mais contemporâneas. Manifestando o seu

compromisso com o sentimento de pertença cultural na escrita, Wierchowski refere-se – mais ou menos explicitamente – a conceituações e formulações discursivas anteriores à sua obra. Parece uma intertextualidade propositada, já que se torna impossível ignorar o número de exemplos que reforçam esta hipótese.

O preconceito foi criado através do estereótipo injusto, que não precisava se alimentar de factos para se popularizar e que tornava uma regra comportamentos e observações pontuais. Ambos os autores, além de refletir o preconceito contra os poloneses, tentam justificá-lo, o que pode provocar reações adversas, com o intuito de se desfazer o engano e defender a posição contrária – este processo pode ser observado numa grande parte da escrita de Wierchowski. Da mesma maneira que estereótipo fez uma interpretação da realidade, Wierchowski também não se compromete a retratar realisticamente a comunidade que observa, idealizando-a. Esboçando – e defendendo – a imagem de uma comunidade de assimilação lenta, apegada à tradição e conservadora, Wierchowski aponta para as suas origens e o passado difícil, que levam à necessidade de preservar a união e manter a solidariedade contra a imprevisibilidade de vários fatores exteriores desestabilizantes.

Nesse sentido, a sua obra serve para, além de refutar o estereótipo anterior, criar e disseminar um estereótipo novo, através de repetições, da revisão de uma temática parecida e do tema da perda trágica. Se os textos de estudiosos da metade do século XX tiveram o poder suficiente para formar a maneira como se formula a identificação étnica até hoje, vai ser necessário empreender muitos esforços criativos para se poder influenciar uma identificação nova, baseada em elementos positivos. Enquanto Octávio Ianni descreve um processo de decadência que transforma um inocente “polonês” num “polaco”, Letícia Wierchowski reverte o processo, mostrando capítulos da história da imigração da sua etnia como um gradual enaltecimento que ajuda os seus protagonistas a encontrarem uma identidade polonesa positiva.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, B.R. (2008), *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*, trad. Bottman D., Companhia das Letras, São Paulo.
- BARRETO, G. (2014), *Para tornar o imigrante um novo cidadão do Brasil*, de modo a ‘evitar quistos raciais, [on-line:], <https://midiacidada.org/para-tornar-o-imigrante-um-novo-cidadao-do-brasil-de-modo-a-evitar-quistos-raciais/>, 28.02.2024.
- BUDAKOWSKA, E. (2014), *Etnicidade polonesa no Brasil a luz das pesquisas sociológicas*, Biblioteka Iberyjska, Warszawa.
- DOUSTDAR, N.M. (1990), *Imigração polonesa: raízes históricas de um preconceito*, Tese de Mestrado, UFPR, Curitiba.
- IANNI, O. (1966), *Raças e classes sociais no Brasil*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
- MARTINS, W. (1955), *Um Brasil diferente. Ensaio sobre fenómenos de aculturação no Paraná*, T. A. Queiroz, São Paulo.
- MIODUNKA, W. (1996), “‘O negro do Paraná é o polaco’ czyli o przemianach tożsamości polskiej w Brazylii” em: Paleczny, T. (ed.), *Emigracja – Polonia – Ameryka Łacińska*, CESLA, Warszawa, p. 159-175.
- MIODUNKA, W. (2000), “Tupi, guarani, português, negro, mestiço, mulato, italiano, polaco, brasileiro. Kształtowanie się tożsamości Polonii brazylijskiej na tle przemian tożsamości mieszkańców Brazylii” em: Malinowski, M. (ed.), *Tożsamość oraz percepcja Polski i polskości w środowiskach Polonii latynoamerykańskiej*, CESLA, Warszawa, p. 132-156.
- OLIVEIRA, M. (2005), “O ‘Brasil diferente’ de Wilson Martins”, *Caderno CRH*, 18(44), Salvador, p. 215-221, <https://doi.org/10.9771/ccrh.v18i44.18521>.
- OLIVEIRA, M. (2015), “A inesperada descoberta de Otávio Ianni sobre preconceito contra descendentes de imigrantes poloneses em Curitiba”, *Revista Sociedade e Estado*, 30(3), Brasília, p. 779-817, <https://doi.org/10.1590/S0102-69922015.00030010>.
- SMOLANA, K. (1979), “Sobre a gênese do estereótipo do polonês na América Latina”, *Estudios Latinoamericanos*, 5, Wrocław, p. 69-78.

- SOLHEID DA COSTA, M.C. (1995), "El violin que sólo tocaba en polaco: del estigma a la reconstrucción de la identidad de los polacos en Paraná", *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, 10(29), Buenos Aires, p. 29-52.
- WACHOWICZ, R.C. (1981), *O camponês polonês no Brasil*, Fundação Cultural, Casa Romário Martins, Curitiba.
- WIERZCHOWSKI, L. (2003), *Cristal polonês*, Record, Rio de Janeiro.
- WIERZCHOWSKI, L. (2006), *Uma ponte para Terebin*, Record, Rio de Janeiro.
- WIERZCHOWSKI, L. (2010), *Os Getka*, Record, Rio de Janeiro.
- WOLNY, A. (2020), *Nem polonesa nem judia – a polaca na literatura brasileira do séc. XX*, Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego, Kraków.